
A Representação da Identidade Cultural dos Atletas Refugiados nas Olimpíadas Rio 2016 pela Folha de S. Paulo¹

Camila Magalhães de Holanda²

Resumo

Considerando o fluxo de significações e representações do discurso midiático, por meio dos seus processos de produção de sentido, o presente artigo traz uma análise de matérias sobre a Equipe Olímpica de Refugiados, inédita nas Olimpíadas Rio 2016, veiculadas no portal Folha de S. Paulo, com o objetivo de verificar como foram construídas as representações das identidades culturais (S. Hall) dos atletas refugiados. A metodologia utilizada foi a análise do discurso.

Palavras-chave: análise do discurso; identidade cultural; refugiados; representação.

Introdução

Entre os dias 05 e 21 de agosto de 2016, foi realizada a 31^a edição dos Jogos Olímpicos, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Além de ser a primeira a se realizar na América do Sul, pela primeira vez na história das Olimpíadas, uma delegação formada exclusivamente por refugiados competiu. A Equipe Olímpica de Refugiados (EOR), composta por dez competidores oriundos de diferentes países (dois nadadores Sírios, dois judocas da República Democrática do Congo, um maratonista da Etiópia e cinco atletas do Sudão do Sul), desfilou sob a bandeira Olímpica na cerimônia de abertura. Na ocasião, ouviram-se estrondosos aplausos vindos da plateia.

O anúncio da inédita equipe foi feito no dia 3 de junho de 2016, pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach. Em declaração ao portal oficial dos Jogos Olímpicos, Bach afirma que a formação de uma delegação de refugiados “é um símbolo de esperança para todos os refugiados do mundo, nós vamos fazer o mundo mais consciente da magnitude dessa crise. É também um sinal para a comunidade internacional de que esses seres humanos são nossos companheiros e são um enriquecimento para a sociedade. Esses atletas refugiados vão mostrar para o mundo

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestranda de Comunicação do PPGCOM - UFC: camilamaghol@gmail.com

que, apesar das tragédias inimagináveis que encararam, qualquer pessoa pode contribuir para a sociedade com seu talento, habilidade e força de espírito”³ (tradução nossa).

A crise internacional dos refugiados tem tido grande destaque na imprensa global, principalmente depois da imagem de Aylam Kurdi⁴, menino sírio de três anos encontrado morto numa praia na Turquia, em setembro de 2015. O assunto teve nova grande repercussão após, enquanto aconteciam os Jogos Olímpicos 2016, circular mundialmente a foto de Omran Daqneesh⁵, de cinco anos, sentado numa ambulância após ter sido vítima de um ataque aéreo na cidade síria de Aleppo. Coberta de poeira e rosto ensanguentado, a criança se tornou símbolo do sofrimento da cidade, uma das mais afetadas com o conflito na Síria.

Segundo João Batista Natali (2011), guerras e conflitos são temas considerados relevantes no jornalismo internacional. Considerando a também relevância a nível mundial das Olimpíadas, surge o questionamento: como a mídia apresenta os atletas refugiados? De que maneira esses atletas são representados? Há um apelo à superação de dificuldades e vitimização constante?

A questão central deste trabalho é analisar a forma como foram construídas as representações das identidades culturais dos atletas da EOR no conteúdo veiculado online pelo jornal Folha de São Paulo. Para isso, temos como objeto de análise três matérias veiculadas no portal do jornal, as quais têm esses atletas como personagens principais. Como referencial teórico, trazemos as contribuições de Silverstone (2002) sobre os estudos da mídia, o processo de construção da notícia e representação social, tendo como base a análise do discurso de Charaudeau (2007) e o conceito de identidade cultural na pós-modernidade de Stuart Hall (2015).

Referencial teórico

³ Disponível (em inglês) em <https://www.olympic.org/news/refugee-olympic-team-to-shine-spotlight-on-worldwide-refugee-crisis> (acessado em 27 de setembro de 2016)

⁴ Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/internacional/a-foto-do-menino-aylan-e-o-poder-das-imagens-9036.html> (acessado em 27 de setembro de 2016)

⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/lagrimas-comecaram-cair-diz-autor-de-foto-do-menino-omran-na-siria.html> (acessado em 27 de setembro de 2016)

1. Porque estudar a mídia?

Tendo a mesma pergunta como ponto de partida, Roger Silverstone (2002) reconhece que a mídia é onipresente e essencial na experiência contemporânea, sendo, assim, impossível escapar à presença e à representação dela. Por ser tão fundamental no cotidiano, o autor acredita que devemos dar atenção especial aos estudos que a envolvem, considerando-a como dimensão social, cultural e também política e econômica. Para Silverstone, precisamos “estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (SILVERSTONE, 2002, p. 13).

Para isso, o autor fundamenta o estudo da mídia no senso comum, visto que “ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e manutenção do senso comum” (SILVERSTONE, 2002, p. 20). Silverstone acredita que a mídia depende do senso comum. Possuindo o poder de reproduzir e explorar, ela também possui o de distorcê-lo. A mídia oferece palavras para dizer e ideias para exprimir. Não de maneira forçada, imperativa. Mas como participante da realidade que todos nós participamos, dividimos e sustentamos por meio de ações diárias.

O autor compreende a mídia como processo de mediação, a qual implica na circulação de significados, no movimento de significado de um texto, um discurso ou um evento, por exemplo, para outro. Implica na constante transformação de significado. Essa circulação de significados acontece em textos primários e secundários, por meio de infinitas intertextualidades, e nos intermináveis discursos em que nós,

como produtores e consumidores, agimos e interagimos, urgentemente procurando o compreender o mundo, o mundo da mídia, o mundo mediado, o mundo da mediação. Mas também, e ao mesmo tempo, usamos os significados da mídia para evitar o mundo, para nos distanciar dele, dos desafios talvez impostos pela responsabilidade e pelo cuidado, para fugir do reconhecimento da diferença. (SILVERSTONE, 2002, p. 34)

2. Análise do discurso e representação social

Patrick Charaudeau, em *Discurso das Mídias* (2007), enriquece a discussão levantada por Silverstone quando também considera o discurso midiático como

mediador entre o “mundo a comentar” e o consumidor da mídia. Nessa mediação, o acontecimento passa por um processo de construção de sentido por um sujeito de enunciação. “O acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível” (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

O processo de construção do acontecimento é, para Charaudeau, chamado de processo evenemencial. Para o acontecimento ser apreendido, é necessário que se produza uma modificação no mundo fenomenal, que essa modificação seja percebida por sujeitos (ou que eles julguem ter havido uma modificação) e que essa percepção se inscreva numa rede – coerente – de significações sociais. Portanto, o processo evenemencial “depende do olhar que o sujeito humano lança sobre esse fato, ou seja, as redes que ele estabelece, através de sua própria experiência, entre diversos sistemas de pensamento e de crenças” (CHARAUDEAU, 2007, p. 99). O acontecimento por si só não significa. O acontecimento passa a significar em um discurso, após o processo evenemencial. E, daí, surge a notícia.

“Partindo do acontecimento, o jornalista interpreta e analisa em função de sua própria experiência, de sua própria racionalidade, de sua própria cultura, tudo isso combinado com as técnicas próprias a seu ofício” (CHARAUDEAU, 2007, p. 156). É válido incluir, nesse processo de construção do acontecimento como discurso midiático, as consequências da rotinização do trabalho do jornalista proposta por Nelson Traquina. É preciso considerar a natureza bifacetada do trabalho jornalístico, a qual se apresenta por “uma tensão constante entre o caos e a ordem; a incerteza e a rotina, a criatividade e o constrangimento, a liberdade e o controle” (TRAQUINA, 2005, p. 194).

Partindo da arqueologia de Michel Foucault, considerando o discurso como uma prática social, historicamente determinada e que constitui sujeitos, objetos e a mídia como uma prática discursiva e mediadora entre seus consumidores e a realidade, Maria Gregolin (2007) defende o diálogo entre a análise do discurso e o estudo da mídia para compreender o papel dos discursos na produção das identidades.

Para ela, analisar discursos significa um esforço para entender como as verdades são produzidas e enunciadas. Partindo da noção de que o que os textos midiáticos oferecem não é a realidade, mas sim “uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2007, p. 16), a autora afirma que somos continuamente submetidos aos movimentos de interpretação e reinterpretação das mensagens midiáticas, dos quais surgem os efeitos identitários.

O trabalho discursivo de produção de identidades desenvolvido pela mídia cumpre funções básicas tradicionalmente desempenhadas pelos mitos – a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social dos indivíduos. Essas funções são asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito na ‘comunidade imaginada’ (GREGOLIN, 2007, p. 17)

Além da repetição de imagens, a repetição de formas de abordagem de um objeto colabora para a manutenção desses modelos de identidade. Segundo a autora, a mídia é responsável por fazer circular as representações na sociedade contemporânea. Relembrando o artigo de Viana, a homogeneização causada pelo uso do material de agências de notícias pelos meios de comunicação pode difundir à exaustão as mesmas representações no jornalismo internacional, reforçando estereótipos.

Para Charaudeau, as representações estão relacionadas à percepção-construção que o ser humano faz do real. O autor explica: “as representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real” (CHARAUDEAU, 2007, p. 47).

Marco Alexandre, no artigo O Papel da Mídia na Difusão das Representações Sociais (2001), afirma que diferentes relações comunicacionais modificam ou atualizam as representações sociais. De acordo com ele,

a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas

de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações (ALEXANDRE, 2001, p. 123).

Segundo Gregolin, “ao acompanhar alguns trajetos de sentidos em textos da mídia, podemos perceber sua função na produção social das lutas pelas construções/reconstruções das identidades” (GREGOLIN, 2007, p. 23). A autora compreende a produção da identidade como um trabalho discursivo contínuo e alinha sua pesquisa com a de Silverstone ao afirmar “não há, nos discursos de mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades” (GREGOLIN, 2007, p. 23).

3. Identidade cultural

No livro *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, o jamaicano Stuart Hall discute como as mudanças trazidas pela globalização influenciam na identidade cultural dos indivíduos, identidade esta que é definida como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2015, p. 9).

No âmbito nacional, o autor acredita que as culturas nacionais nas quais nascemos são a principal fonte de identidade cultural. Essa concepção de cultura nacional surge com a modernidade, quando a identificação e a lealdade que anteriormente eram dadas a uma tribo ou religião, passam gradualmente a ser direcionadas no sentido dos estados-nação, que passam a ser uma fonte importantíssima de significados para as identidades culturais.

não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. [...] As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 2015, p. 30)

Nesse sentido, as culturas nacionais operam de forma a tentar unificar seus cidadãos sob a mesma identidade cultural, como se todos fizessem parte de uma mesma grande família nacional. Porém, entra em ação a globalização e, de certa forma, há uma falência dos estados-nação como suporte para as identidades culturais. “Colocadas

acima do nível da cultura nacional, as identificações ‘globais’ começam a se deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais” (HALL, 2015, p. 42).

Entretanto, há críticas a essa homogeneização cultural protagonizada pela globalização. Para Hall (2015), essa ameaça de solapar identidades nacionais provém de um quadro muito simplista. Para o autor, o impacto do global traz um novo interesse pelo local e, assim, ao invés de pensarmos numa substituição, é mais acertado pensarmos na produção simultânea de novas identificações globais e novas identificações locais.

Uma segunda crítica é relativa ao fato de a globalização estar desigualmente distribuída ao redor do planeta, afetando de diferentes formas as diversas regiões e as pessoas dentro dessas regiões. A experiência com a globalização depende, para Massey (1991 apud Hall, 2015), do controle que se exerce. A mídia, por exemplo, controla as notícias que circulam. Porém, há grupos que não estão no controle da situação - e aqui, Massey cita fluxos de refugiados: “a experiência do movimento, e de fato uma pluralidade confusa de culturas, é muito diferente” (Massey, 1991, p.25-26 apud Hall, 2015, p.46).

Nesse cenário de migração, é válido trazer a contribuição de John Thompson (2011) sobre a importância da mídia para a manutenção de tradições dessas populações migrantes. Para o autor, quando as pessoas se mudam (ou são forçadas a mudar), levam consigo um conjunto de valores e crenças que constituem suas tradições - partes de suas identidades culturais nacionais, considerando Hall (2015). Thompson acredita que a mídia colabora para a sustentação cultural dessas populações:

Enquanto as tradições nômades se sustentam em parte através de reconstituições ritualizadas, elas também vão se interligando aos materiais simbólicos mediados, precisamente porque os meios de comunicação tendem a desenraizar tradições dos lugares particulares e a revestir seu conteúdo simbólico de um certo grau de permanência temporal e mobilidade espacial. A mídia fornece os meios de sustentar a continuidade cultural, apesar do deslocamento espacial, e de renovar a tradição em novos e diversos contextos através da apropriação das formas simbólicas mediadas (THOMPSON, 2011, p.258)

A colaboração de Thompson é essencial para compreender a continuidade cultural por populações migrantes, mas também é preciso considerar, principalmente no contexto do refúgio, a questão do acesso aos produtos midiáticos.

Análise

Considerando o material publicado pela Folha de S. Paulo no período que antecedeu as Olimpíadas, foram contabilizadas seis peças cuja pauta principal envolve atletas da EOR. Para análise, escolhemos três. Duas são anteriores ao início da competição. Estas, escritas pelo mesmo jornalista, Lucas Vettorazzo, e publicadas no mesmo dia, 29 de julho de 2016, tratam da chegada de alguns atletas da EOR e das expectativas deles com os Jogos. São matérias que trazem uma breve apresentação e história dos atletas. A terceira peça data do dia 11 de agosto de 2016, assinada por Adriana Küchler, editora-assistente da Revista Serafina (publicação da Folha), e traz seis imigrantes torcedores da EOR como personagens.

A seguir, transcrevemos e destacamos alguns trechos das peças, seguidas de nossa análise.

Peça 1 - 29/07/16 - ‘Jogos podem mudar como somos vistos’, diz nadadora refugiada da Síria⁶

“Dois nadadores refugiados da Síria que estão no Rio para competir nos Jogos Olímpicos *não têm pretensão de conseguir alguma medalha.*”

O objetivo é mostrar ao mundo que *refugiados são mais do que apenas pessoas que deixam seus países e buscam abrigo em outra nação.* [...]

Como refugiados, eles *têm permissão para viver* nos países de refúgio, mas não têm cidadania reconhecida. Por isso não puderam participar de competição internacional desde que deixaram a Síria.

‘Participar da Olimpíada é uma oportunidade de mostrarmos que *os refugiados em todo o mundo são pessoas que, antes de fugir, tinham uma vida, uma história, um trabalho*’, diz Yusra. ‘*Somos algo além de refugiados. É uma forma de mudar a maneira como somos vistos.*’ [...]

Por causa do período longe das piscinas, ambos *sabem até onde vão suas*

⁶ Íntegra:

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1796580-jogos-podem-mudar-como-som-os-vistos-diz-nadadora-refugiada-da-siria.shtml>

possibilidades. ‘Pretendo bater meu recorde pessoal. Dificilmente, chegarei a uma semifinal, mas estou *muito satisfeito de estar aqui*’, diz Rami.

‘Só consigo pensar em medalha em Tóquio [2020]. Estou aqui para *retomar minha vida como atleta*’, diz Yusra. [...]

Aqui, é possível identificar, no título e no decorrer da matéria, um teor de esperança. Ao afirmar que os atletas refugiados não pretendem ganhar medalha e sim desconstruir uma imagem simplória das pessoas em situação de refúgio, a peça apresenta os nadadores sírios como pessoas humildes, altruístas, solidárias. Caráter que é reforçado com a aspa de Yusra. Entretanto, a matéria sugere que esses atletas são limitados, pois precisam de “permissão para viver” e “sabem até onde vão suas possibilidades”. Neste ponto, trazer a fala de Rami afirmando estar satisfeito apenas por participar da Olimpíada, evoca novamente a humildade, mas também apresenta uma falta de ambição. Já a próxima aspa de Yusra traz a superação das dificuldades, o desejo de seguir em frente e fazer planos para o futuro, encerrando a matéria de maneira otimista.

Peça 2 - 29/07/16 - ‘Pensávamos que Rio era uma pessoa’, diz atleta refugiada ao chegar ao Brasil⁷

“[...] Quando tiveram confirmação de que participariam das Olimpíadas, eles passaram a treinar com o time nacional do Quênia. *Todos tiveram, contudo, que atingir índice olímpico para competir*. [...]

A também fundista Anjaline Nadai Lohalith, 21, contou que foi uma *surpresa* quando soube que viria ao Rio. Vivendo em *condições ruins*, eles não tinham acesso à informações sobre o mundo. *Ela nem sabia que Rio era uma cidade*.

"Não sabíamos que se tratava de um lugar no mundo. Pensávamos que era o nome de

⁷ Íntegra:

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1796696-corredores-refugiados-do-sudo-do-sul-chegam-ao-rio.shtml>

uma pessoa. Agora que estamos aqui, tendo essa chance, estamos muito felizes", disse. [...]

Todos deixaram seus países *fugidos de conflitos armados*. [...]

A corredora disse esperar que a atitude do COI inspire líderes mundiais a atuarem em causas humanitárias, num momento em que há uma crise de refugiados, que chegam diariamente a países da Europa. ‘*Os líderes têm que fazer algo pelo nosso país*’, afirmou.”

Nessa segunda peça, a começar pelo título, o qual dá destaque a uma falta de informação da atleta, percebe-se uma tendência a inferiorizar esses refugiados, o que também fica evidente com o uso da conjunção adversativa “contudo” ao trazer a informação de que eles precisaram atingir o nível olímpico para poder competir. Ao longo do texto, o uso de outros termos, como “surpresa” e “condições ruins”, contribuem para uma interpretação mais dramática. Quando retoma o destaque do título, o jornalista reforça o equívoco de Anjaline, justificando-o com a escassez de informação no local em que vive, insinuando um contexto de marginalidade, de miséria. Citar os conflitos armados evoca o contexto de guerra pelo qual os personagens da matéria passaram, trazendo mais dramaticidade à leitura. Apenas nos últimos três parágrafos o assunto da crise humanitária é tratada de maneira mais global, em forma de apelo, súplica, às autoridades.

Peça 3 - 11/08/17 - Para refugiados, 45º lugar de nadadora síria vale por medalha de ouro⁸

“Seis torcedores se reúnem em São Paulo para assistir à Olimpíada. Eles vêm de quatro países diferentes, Síria, Congo, Cuba e Haiti, *mas torcem pela mesma delegação: a dos refugiados*. [...]

Pela TV, pipoca em mãos, eles assistem à luta do judoca Popole Misenga. O congolês

⁸ Íntegra:

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1801420-para-refugiados-45-lugar-de-nadadora-siria-vale-por-medalha-de-ouro.shtml>

refugiado no Rio perde sua *segunda* disputa contra um sul-coreano. Mais cedo, outra atleta do Congo que vive no Rio, Yolanda Bukasa, também foi eliminada, *já* na primeira luta. [...]. *Ninguém ali parece ligar para as duas derrotas.* [...]

‘Esses atletas podem passar *uma visão mais positiva dos refugiados.* E também *representam a possibilidade de sonho* para muita gente. Mostram que, *além de batalhar para comer, aprender outra língua, se adaptar, a gente pode sonhar com outras coisas*’, diz o sírio Ali Jeratli, que já foi campeão de taekwondo do em seu país e torce para três delegações: a dos refugiados, a síria e a brasileira. [...]

O tempo passa e nada de Yusra aparecer na tevê. *Quando a natação enfim surge, já corre a terceira bateria.* Yusra estava na primeira, que não foi televisada. O canal esportivo estendeu a transmissão do judô e, pelo visto, *já se esqueceu da queridinha dos Jogos.* [a EOR]

Frustrados, os torcedores da seleção refugiada checam os resultados. Yusra ficou em sétimo em sua bateria. E em 45º (*o penúltimo lugar*) no resultado geral.

"Pra gente, ela é medalha de ouro", diz Alkourdi, *abandonando* as transmissões olímpicas rumo a um restaurante árabe na vizinhança. [...] Mas será que os Jogos de 2020 também terão uma equipe de refugiados? Jeratli acredita que melhor seria se não houvesse mais refugiados, e a equipe também não precisasse mais existir.”

A terceira peça, a mais extensa e detalhada das selecionadas, apresenta uma confusão entre os termos refugiados e imigrantes. A falha não permite compreender, mesmo após leitura completa do texto, se os torcedores entrevistados são ou não refugiados. Apesar disso, logo no primeiro parágrafo depreende-se que a comunidade estrangeira no Brasil é unida e presta apoio à EOR. Percebe-se, também, otimismo por parte dos torcedores, quando a jornalista afirma “ninguém ali parece ligar para as duas derrotas” e quando Jeratli considera a possibilidade de uma visão mais positiva dos refugiados por causa da EOR. Na mesma aspa, porém, surge a questão da sobrevivência à guerra e a busca por dignidade por parte dos refugiados, trazendo novamente o aspecto da superação de dificuldades, quando comenta “batalhar para comer, aprender

outra língua...”. O uso dos termos “frustrados” e “abandonando”, por exemplo, conferem, junto a outros termos, certa dramaticidade à matéria. Por fim, a peça encerra em tom sonhador, otimista, de expectativa de resolução da crise dos refugiados.

Já os atletas, por sua vez, nessa peça são colocados como perdedores. Desde a apresentação do primeiro resultado, alguns termos são utilizados para reforçar a derrota da EOR, como “segunda”, “já” e “penúltimo”. Ademais, outros trechos destacados permitem-nos aferir a falta de importância da EOR para as emissoras do evento. Mesmo assim, há trechos da matéria em que se enaltecem a superação das adversidades da guerra.

Observações finais

Após análise, conclui-se que, nas matérias veiculadas pela Folha de S. Paulo as quais abordam os atletas da EOR, é comum a construção do sentido de esperança, de otimismo, de superação das dificuldades. Entretanto, para isso, geralmente as peças trazem junto uma desqualificação desses atletas refugiados, tratando-os de maneira pessimista, limitada, inferior, desqualificada. A dramatização também aparece com frequência. O resultado desta combinação é a impressão de parecer ser preciso menosprezar os atletas refugiados para dar legitimidade àquele discurso de otimismo e superação.

Considerando as proposições de Silverstone (2002) sobre a importância da mídia para a percepção da realidade, por meio do fluxo de significações e de representações levadas a cabo pelo discurso midiático, neste ponto fazemos a relação com as ideias de Charaudeau sobre o discurso das mídias. Discurso este possuidor de um sentido que é construído por um profissional o qual opera como elo entre o acontecimento e a instância de recepção. A construção desse sentido, chamada de processo evenemencial, por sua vez, engloba uma gama de variáveis pessoais a esse profissional, como a própria experiência, sistemas de pensamento e de crenças.

Por fim, o discurso midiático produz representações de identidades dos sujeitos abordados. Aqui, retomamos Silverstone (2002) e Gregolin (2007), sobre a função da

mídia de construir (ou desconstruir) o senso comum, ratificar (ou não) estereótipos, ditar maneiras de agir e pensar sobre a realidade posta. E, pensando no contexto pós-moderno, essas representações de identidades também contribuem para a própria construção das identidades culturais. Simultaneamente, a mídia também funciona como suporte para essas identidades.

No caso da identidade cultural dos atletas, as peças da Folha não fazem menção a qualquer tipo de prática cultural por parte deles, ficando, em todas as peças, a identidade dos componentes da EOR restrita a vinculação à nação de origem, suas identidades nacionais. Porém, a construção dos discursos analisados deixa espaço para a criação de uma identidade para os atletas refugiados que inclui desqualificação (em certos casos não só esportiva, como foi possível verificar) e inferioridade, ao mesmo tempo em que carrega características de superação e otimismo.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, Rio de Janeiro. v.6, n. 17 - p. 111 a 125 - jul./dez. 2001

CHARAUDEAU, Patrick; CORREIA, Tradução Angela S. M.. *Discurso das Mídias*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. 285 p.

GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, v.4, n.11, p.11 a 25 – nov.2007

HALL, STUART. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 p.

NATALI, João. *Jornalismo Internacional*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVERSTONE, Roger. *Porque estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade - uma teoria social da mídia*. 12ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 360 p.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo Volume I – porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANA, Bruno. Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. Cultura Midiática. Ano VI, n. 10 – jan/jun. 2010

VIEGA, Máisa. Imagens do refugiado e da sua jornada: estudo da campanha 1 family. Anais do III Colóquio Semiótica das Mídias. vol. 3, nº 1. Japaratinga, AL: UFAL, 2014.